



TRIBUNA DE COIMBRA

Festa da Vida

TAL como o Natal, a Páscoa quebra a monotonia. São acontecimentos significativos que emprestam à vida, beleza e encanto e dão que pensar.

Este ano, uma Primavera seca e quente demais, a desventrou. Há muito que nos campos as sementes, impregnadas de vida adormecida, germinaram pujantes e promissoras. As árvores, desnudadas pela força cíclica da vida, revestiram-se de novo. O homem ainda não conseguiu, com tantas afrontas visíveis, que esta mãe, pródiga, vomitasse o azedume da sua indignação. Há um perfume que dimana das profundidades da terra e se

ergue em acção de graças e súplica na direcção do Céu. É a festa da Vida e da Ressurreição.

É a Páscoa. Das amêndoas e dos folares. Umam e outros chegam de todos os lados que muitos são os nossos «padrinhos». De Castelo Branco, Alcains e Fundão. São lisas, de todas as cores e gostosas ao paladar. O sr. Fausto costuma saber das bocas que somos para que a ninguém venha a faltar foliar.

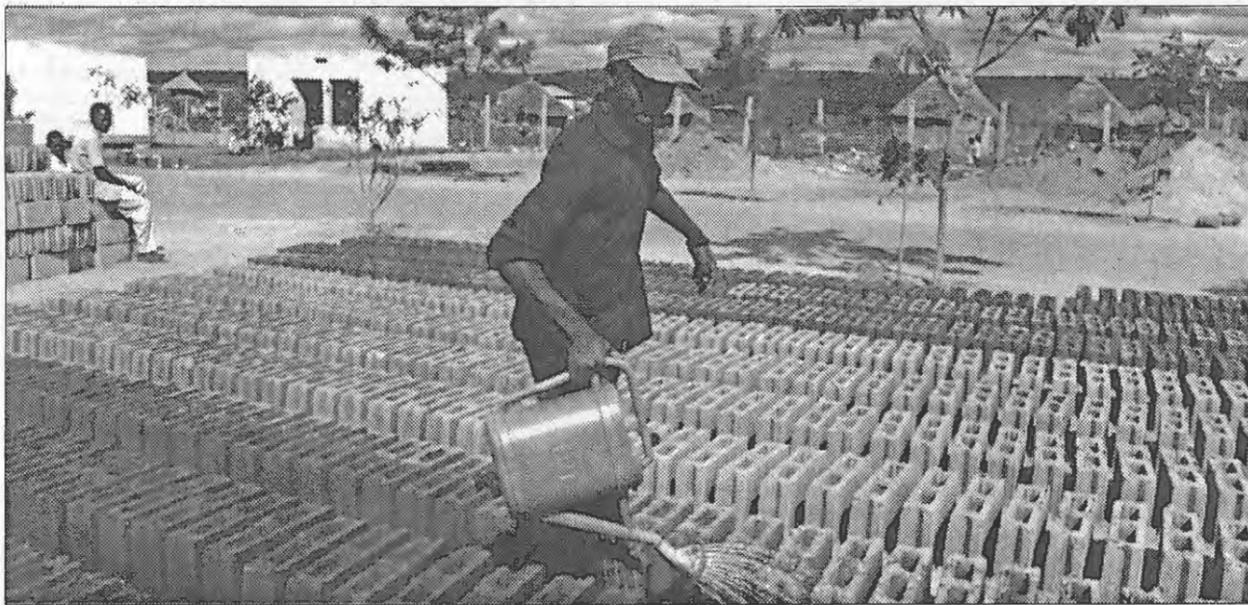
Domingo de Páscoa. Missa mais tarde e solene, tal como o dia. Todos os que puderem irão à Mesa do Ressuscitado, comungar o Pão da Vida. Depois, cá fora o cheiro do almoço: leitão assado, já que não

temos rebanho. Nascidos nos nossos currais, amamentados pelas nossas criadeiras e pelos cuidados do Jorge Teles. Batata frita — delícia de todos. Salada de alface que vem às caixas da estufa de Amiga nossa, de Aveiro. Mais o arroz-doce, o pão de ló e não sei que mais, de amêndoas e doces.

Cheira a Aniversário! É a Liturgia que nos manda celebrar. O Senhor está Vivo! Palpa-se esta presença nos olhos de todos e no ambiente que nos rodeia.

Há abono para todos. Até os que porventura se tenham portado mal e a ele não tivessem direito. A prodigalidade da Vida que celebramos gera

Continua na página 3



Mini-empresa moçambicana

PASSO A PASSO

Quem dera que desta riqueza partilhassem outros homens!

ELES são a nossa riqueza! Quando pobres, simples, humildes, sentimo-los nossos, carne do mesmo Corpo em que somos membros irmãos. Não da carne e do sangue que criam laços passageiros neste mundo, mas da carne que permanece para a Vida Eterna!

Se não são bonitos aos olhos do mundo, aos nossos são-no. Mais os amamos e mais facilmente nos entregamos por eles.

Se Pobres em dons mentais, achados sem valor, para nós valem a aposta da vida, sem prazo. Neste banco rende o amor que dá lucros no imediado.

Se desajeitados e incomodativos, temperam o nosso dia com a marca da diferença.

Se próximos e constantes em liberdade interior, evidenciam mais claramente o nosso ser paternal.

Se nos procuram para estar, dão-nos a certeza de sermos úteis.

Se se evidenciam dos outros e depois para nós riem, isso é resposta exteriorizada ao nosso amor.

Se tomam um ar sério e humilde quando repreendidos, mostram que assumem a condição filial.

Se passam ao nosso lado e não nos vêem, ficamos a saber que temos um coração para conquistar pois ainda não fomos suficientemente fracos.

Se nos perguntam se somos seus Amigos, dizem-nos que ainda não nos configuramos com Cristo.

Se fazem movimentos de defesa quando a eles nos dirigimos com veemência perante uma asneira realizada, dizem-nos que não somos Pai.

Se as lágrimas rolam na face porque uma palavra lhes tocou o coração, isso significa que ganhamos um irmão.

Quem dera que desta riqueza partilhassem outros homens! Os inseguros, os mais fechados em si mesmos, os incrédulos, os feridos pela falta de Amor...

O Lado está aberto! Quem quiser, venha à Fonte e beba.

Padre Júlio

ÁFRICA

O espírito e a pedagogia de Pai Américo são hoje um valor de vida e de liberdade posto ao serviço dos Povos africanos que a sua Obra serve

FAZ hoje um ano que de lá vim.

De Angola trazia quase só tristeza; e as notícias que vão chegando não dão para apagá-la. A incerteza da paz é uma realidade. Desconfianças enraizadas no coração ferido do Povo tolhem-lhe os movimentos e impedem o regresso de milhões de deslocados às suas terras de origem onde poderiam recomençar vida na modesta suficiência que a mãe Natureza propicia. E era por aqui, sim, que, sem planos espectaculares, a situação do Povo se iria normalizando.

Houvesse no interior de Angola garantias de paz, condições de estabilidade, um programa de auxílio alimentar ainda por algum tempo (até que as lavras produzissem, a pecuária doméstica se desenvolvesse, a pesca e a caça fossem possíveis, porque até os animais fugiram dos tiros e das devastações!); houvesse um mínimo essencial de cuidados de saúde tão debilitada por tantos anos de guerra — e o Povo recobriria o ser: viveria, que é o primado dos primados; e iria recuperando níveis que já conheceu.

Houvesse...! Mas onde está a Autoridade que garanta este pouquinho — que seria o bastante para já, que seria, talvez, o ideal?!

O Mundo, e as suas grandezas, anda por lá metido. De Poder se ufana. Decerto lhe falta a Autoridade que fecundaria o Poder. E em esterilidade e desesperança se vai esgotando o tempo.

De Moçambique trouxe outras vistas que a ausência de guerra e a vontade decidida de não

voltar a ela proporcionam. Deus queira se não desgastem, agora, em guerrilhas políticas as energias, que todas são indispensáveis à reconstrução do país.

Também por lá o Mundo andava e anda metido. Vejo nos noticiários que o Norte e o Ocidente, que são as coordenadas convenencionadas da prosperidade e da civilização, não rejubilam com o estado em Moçambique e se inclinam a diminuir financiamentos que previam mais abundantes. Ainda que tenham fundamento razoável, quem sabe se não será melhor assim para o crescimento, com certeza mais lento mas mais livre, do Povo moçambicano?!

Na verdade não há sintonia de ritmos entre as gentes do Norte e as do Sul. Nem nos requêbros das danças em que os primeiros ficam para trás, nem nas formas mais intelectualizadas de vida em que se atrasam os segundos. Propor ritmos, ensiná-los, é exemplar. Impô-los é, certamente, uma forma de colonizar.

A reconstrução destes Países tem de ser protagonizada pelos seus Povos

A reconstrução de Angola e Moçambique tem de ser protagonizada pelos seus Povos, até aos níveis que já conheceram e para além deles. Necessitam de ajuda, sem dúvida, mas não dos civilizados e dos prósperos, habituados a ritmos velozes e não à paciência que é o caldo de cultura de toda a

Continua na página 2

Conferência de Paço de Sousa

ALIMENTAÇÃO — Em recente noite, com a ajuda dum Padre pobre ao serviço dos Pobres, e a modos de um acto com cunho religioso, todos os vicentinos fomos algures carregar uma furgoneta de géneros alimentícios (excedentes da CEE) com destino a algumas dezenas de famílias carenciadas, previamente recenseadas. A partilha deste *maná* é feita criteriosamente, segundo o diagnóstico da situação dos respectivos agregados familiares — listados oportunamente.

Assim, a Sociedade de S. Vicente de Paulo procura amenizar as carências de quem precisa, qual *almofada social* dos mais excluídos, alguns até dos seus próprios familiares! Viúvas, mães solteiras, aposentados(as), isolados(as), inválidos(as), doentes, acamados(as)...

Vá lá, do ponto de vista sócio-económico, sendo esta Região uma *bolsa de trabalho* diversificada, *dormitório* do Grande Porto, talvez por isso mesmo a percentagem de desempregados, as consequências desta praga se diluam um pouco mais... E, se houver *retoma*, Deus permita uma boa redução desta calamidade nacional e internacional.

PARTILHA — A mensalidade do casal-assinante 11902, de Fundão, *«pedindo a distribuição habitual»*. Mais quatro mil, do *Manel de Braga*, para as viúvas. A nossa gratidão pelos votos formulados.

Mais vinte mil: dez, do assinante 20 e mais dez do 169, do Porto, com a devoção e amizade de sempre. Outra vez Porto: quatro mil, da assinante 24000, que pede *«ao Pai do Céu continue a ajudar-me para que possa pensar nos meus irmãos pobres e auxiliá-los, embora com pequena migalha»*.

Assinante 31104, de Lisboa, peregrina de há muitos anos, ora com duas migalhas: *«Deus bem sabe as minhas intenções, pois ajudando o Próximo estamos com Ele. Uma referência n' O GAIATO é sempre consoladora»*.

Covilhã: *«pequeno contributo»* da assinante 4456, com os olhos *«no Senhor Jesus por Quem vale a pena fazer tudo»*. Setúbal: *«pequena contribuição para a Conferência do Santíssimo Nome de Jesus, de Paço de Sousa, com o carinho e alegria da Avó dos cinco netinhos»*.

Óbolo do assinante 9790, de Oliveira do Douro (Vila Nova de Gaia), sublimado com oportuna oração: *«Aproveitemos bem o tempo favorável que atravessamos. Arrepentamo-nos do mal feito e reconciliemo-nos com o Céu»*. Caminha a par, na mesma linha, a assinante 7186, de Aveiro. E fecha a *procissão* outra presença, de há muitos anos: *«uma assinante de Paço de Arcos com a partilha de Março/Abril e saudações fraternas e muita amizade»*.

Em nome dos Pobres, muito obrigado.

Júlio Mendes

Pelas CASAS DO GAIATO

PAÇO DE SOUSA

PRIMAVERA — Nas árvores da nossa Aldeia estão a rebentar folhas e flores. Os passarinhos fazem os ninhos na ramagem. E é o regresso das andorinhas!

ESCOLA — Temos alguns preguiçosos para fazer os trabalhos escolares de casa. Por causa disso ficam a tratar dos deveres enquanto os outros almoçam.

VISITANTES — Vêm excursões de escolas secundárias, primárias, etc. Algumas pessoas, nos fins-de-semana, trazem sacos e sacos de rebuçados que distribuem pelos mais pequenos — o que não deveriam fazer...

AGRICULTURA — Já foram semeadas as batatas oferecidas por um Amigo e começaram a nascer os rebentos.

ANIMAIS — No pomar a gansa continua a chocar os ovos com muita paciência.

OFERTAS — Amigos da Marinha Grande ofereceram instrumentos musicais. Da Golegã também veio a oferta duma máquina de descascar batatas.

FUTEBOL — Mais bons resultados do torneio.

Na 4.ª jornada defrontámos o F. C. de Bairros (Paço de Sousa). Um jogo muito bem disputado. Vencemos por 5-3.

Na 5.ª jornada, também vencemos o M.J.D. (Paço de Sousa) por 2-1.

Neste momento vamos à frente do torneio com oito pontos.

Os melhores marcadores do torneio são da nossa equipa: «Banana» e Xavier com quatro golos cada.

«Cato»

TOJAL

OFERTAS — Agradecemos as diversas coisas que nos oferecem ao longo do ano. Como estamos na Páscoa, esperamos receber ovos de chocolate e amêndoas. Às refeições temos variedade de ricos alimentos para o crescimento de muitos que ainda não haviam comido uma refeição decente, equilibrada.

FUTEBOL — Temos treinado bastante, tanto os pequenos como os grandes. Os



Ilídio, «Ricardinho» e «Igor».

rapazes mais velhos dizem que depois de acabarem as aulas haverá campeonato entre a malta, futebol de 5, jogado à noite no nosso pavilhão.

OBRAS — Não há nada de especial. Apenas uns toques aqui e ali. A Casa toda arranjada e limpa, terá um aspecto mais acolhedor. A casa-mãe será reparada no próximo Verão.

JARDINS — Temos muito cuidado a tratar dos nossos jardins. Estão muito belos. Enfeitam e dão vida aos diversos cantos da Casa. Muitas pessoas que nos visitam dizem que temos uns jardins muito bonitos e cheios de vida com as suas flores multicores. Dizem também para continuarmos a tratar deles pois dão vida à nossa Aldeia.

ESCOLA — Já tivemos uma semana de férias. E temos mais quatro dias, só depois é que voltaremos ao activo. A vida de estudante é muito agitada, principalmente em nossa Casa, porque todos e cada um têm a sua obrigação. Às vezes precisam de organizar bem o tempo para olharem para o livro. Mas há sempre ocasião para tudo, nem que seja um simples gesto de mandar um copo de água para um canteiro. Alguns tiveram notas negativas, mas isso levanta-se e recupera-se.

VISITAS — Recebemos várias excursões. Neste tempo organizam visitas de estudo e passeios. Esperamos receber muitas ofertas, principalmente calções e toalhas de praia, pois estamos a chegar ao Verão. Um antecipado muito obrigado.

FESTAS — Levam ao público, através dum reduzido programa teatral, a vida duma Casa do Gaiato. Obra tão complexa que, por vezes, também tem problemas com os seus rapazes. A entrada de um deles para a Casa do Gaiato, ao princípio muito difícil por perder uma mãe ou um pai, mas arranjar uma nova família ainda é mais. Aqui entra a Casa do Gaiato, Obra ajudada por muitas pessoas para que os gaiatos se façam homens e construam uma nova família.

OBRIGAÇÕES — Em nossa Obra cada um tem a sua obrigação. Até o mais pequeno. Os maiorzitos, nas oficinas de tipografia, serralharia, carpintaria; e na vacaria, pocilgas, copa e campo. Os mais pequenos nos diversos grupos que mantêm a Casa limpa: apanha do lixo, varrer as ruas, despejar caixotes, etc.

ANIMAIS — Temos muitos, desde porcos e patos até às vacas. Quando vêm cá excursões de miúdos as coisas de que mais gostam são os animais. Agora, na Páscoa, vamos matar alguns porcos e borregos.

«BÓLIDOS» — Não temos desses carros construídos pelos rapazes, mas *skates*. Nos tempos livres um grupo de sete ou oito vão para o nosso pátio brincar. Uns jogam à apanhada, outros aos choques. Vão-se divertindo e descontraíndo, o que muitas pessoas não fazem. Deviam seguir o conceito dos mais pequenos e divertirem-se um pouco. Tomarem-se jovens. Pois isso ajuda a rejuvenescer.

Joaquim Miguel F. Pinto

Tempo

*De quando em quando
Preciso dos teus sábios avisos
Para me afastar dos perigos
Da imperdoável vida.*

*Meu SENHOR!
Vai transformando
O meu desespero
Em alento!
E... dá-me notícias
Do teu mundo superior!*

*Todos têm o seu tempo!
Este é o nosso tempo!
Não o desperdicemos
Com antagonísticos sentimentos.*

*Faz cair a tua voz...
Sobre a minha desordem...
Ama-me com o teu coração
sóbrio
E gera em mim um novo
HOMEM!*

Manuel Amândio

MIRANDA DO CORVO

BATATA — Já semeámos a nossa batata. Foram também sulfatadas com herbicida, a terra dos grilos, do olival, do tio Jaime e a terra nova.

SISTEMA DE REGA — Entrou em acção nas terras onde semeámos batata. Enquanto está numa leira, dois rapazes mudam os canos e os bicos para outra ser regada.

AULAS — Estamos no fim do 2.º período. Alguns rapazes tentaram levantar as notas do

ÁFRICA

Continuação da página 1

relação válida, perene, entre pessoas, mais ainda quando difere tanto o modo de ser delas. Paciência é capacidade de sofrer com..., de acertar o passo com..., mesmo que em intenção e esforço de puxar os mais vagarosos. Terão tal capacidade os *prósperos* e os *civilizados*?...

Quem atingiu os extremos da fome tem de ser alimentado com grande cautela, pouquinho de cada vez, senão... arrisca-se a morrer da cura! Não é, pois, de tecnologias avançadas nem de «quadros» a elas proporcionados que precisam os Povos africanos. humildes e impregnados do espírito da gratuidade deverão ser os seus parceiros numa obra

1.º período. Uns conseguiram, outros foram menos felizes e continuam com negativas. Agora só resta o 3.º período e todos se devem agarrar aos livros com mais força para ver se passam de ano.

VISITAS — Recebemos uma excursão de Tomar que permaneceu em nossa Casa durante o dia. Agradecemos a roupa que nos deixaram.

Espero que quem nos queira visitar traga uma equipa de futebol para nos defrontar.

Frederico

LAR DO PORTO

CONFERÊNCIA DE S. FRANCISCO DE ASSIS — Ninguém escapa ao sofrimento. A dor acompanha-nos, passo a passo, do berço ao túmulo, como a sombra segue o próprio corpo no caminho. Custa-nos a compreender o que forçoso nos é chamar o mistério do sofrimento.

Quereríamos viver num mundo onde ele não houvesse mas só paz, amor e alegria.

Sentimos isto, mas as explicações são difíceis, as palavras por vezes fazem mal porque parecem, nesse momento, demasiado superficiais e anónimas. O sofrimento é coisa tremendamente pessoal e difícil. E o da alma e do corpo é muito penoso e então quando a idade avança, pior.

No mês passado tivemos duas perdas: A D. Rosa Ludovina, já viúva, após alguns meses de crucifixão, faleceu. Quinze dias depois a D. Virgínia, esposa do sr. Augusto (que não tem uma perna). Ela sofreu bastante, física e espiritualmente.

Agora ficou só o marido. Os filhos não compreendem a velhice nem a doença. Levaram-no e tornaram a trazê-lo. Ele farta-se de chorar que está só e na miséria. Estas pessoas têm cerca dos 80 anos.

RECEBEMOS — Dum anónimo, 5.000\$00. M. Fernanda, 2.500\$00. Vale de 20.000\$00, duma Amiga, de Ermesinde. Anónima, de Coimbra, 10.000\$00. A nossa Amiga, da Holanda, 7.000\$00.

Agradecemos a todos os nossos Amigos.

Maria Germana e Augusto

FESTAS

Em corpo inteiro

CHEGAMOS, à tardinha, a esta nossa Casa, na véspera do dia da primeira Festa. Parámos no largo em frente ao salão. Era um mundo de coisas e pessoas em reboliço. Uns pintavam escadas, outros lixavam estantes, ainda outros envernizavam gaiolas, outros ainda limpavam cadeiras.

Entrámos no salão. Então aqui não se sabe descrever. Um grupo em cima do palco a afinar luzes. Outro, em baixo, dava os últimos retoques nos seus números. Os electricistas montavam balaústres de iluminação. Os carpinteiros acertavam peças a combinar.

Espreitámos para os camarins. Um grupo de senhoras amigas dava a última volta às variadas peças que hão-de servir no guarda-roupa. Um encanto de coisas lindas e vistosas.

Tocou para o jantar. A maior parte não tirou as mãos do que estava a fazer. Só quis jantar no fim do dia. *A fome vai-se aguentando*, disseram alegremente.

O dia seguinte amanheceu cedo. Havia muita coisa ainda a fazer. Mãos à obra. A manhã foi bem aproveitada. E, à hora do almoço, tudo estava alinhado.

A tarde foi toda para arrumar as coisas e pessoas. Cada coisa e cada um no seu lugar. O último ensaio geral, as últimas afinações e os últimos retoques. Tudo preparado para a Festa. Banho e jantar.

No fim do dia foi a Festa. Salão cheio. Muita alegria. Muita arte. Muita música. Muita participação. Ninguém se cansou com o adiantado da noite. Ninguém teve sono.

Já de madrugada foi a despedida. Despedida alegre. Alegria estampada no rosto de cada um. Resultado de muitos sacrifícios e renúncias. Alegria, sobretudo, naqueles que

mais se esforçaram. Não houve empregados nem serventes. Foi tudo com prata da Casa. Pai Américo esteve bem presente.

Padre Horácio

SETÚBAL

TÃO habituados andamos ao faz-de-conta, que parece impossível, a muita gente, sermos uma família a sério. O nosso espectáculo deste ano pretende mostrar a forma como vivemos o espírito familiar e nos empenhamos nele.

Os rapazes fazem a leitura da vida em Casa e também das pessoas, de vários modos, sempre com arte e com alma. Exprimem-se acerca das Senhoras desta forma:

«Ninguém conhece as nossas Senhoras. Elas não aparecem. Não usam hábitos, nem qualquer distintivo.

Os furtivos visitantes têm-nas como simples governantes ou empregadas. O seu lugar e aspecto humildes, assim indicam.

Não aparecem em parte nenhuma a dar testemunho como hoje se faz.

São pessoas escondidas.

Mais do que os padres, ocultam-se radicalmente na doação plena; no meio dos rapazes, na sua Casa.

Mais que outras mulheres estas são a imagem viva e mais aproximada de Nossa Senhora: Mães dos sem-família — guardam tudo no coração.

A mãe — a Senhora — como os rapazes lhe chamam é a figura maior e mais presente em nossa Casa, ocupando o primeiro lugar em muitos corações.

Sobre ela recaem as actividades domésticas da família e os cuidados mais minuciosos com cada rapaz.

A comida, sempre esmerada, passa pela mão dos rapazes mas nasce no coração da mãe.

É ela quem se aflige, destina, organiza e dá sempre o último toque!

A roupa é escolhida, arrumada e distribuída pelos rapazes sob o olhar atento e a orientação da mãe.

Os aleijões, as feridas, os braços quebrados, as pernas partidas e, às vezes, até as rixas fraternais vêm ter em primeiro lugar ao coração da Senhora. Quem muda a fralda ao bebé? Quem lhe dá o biberão? E conversa com ele, entende os seus caprichos e percebe em primeiro lugar as suas gracinhas? Quem? — A mãe.

Quem dá banho aos mais pequeninos, educa a higiene, a limpeza a ordem, o asseio? Quem? — A mãe.

Quem beija, acaricia e dá presença aos «Batatinhas», todas as noites, sem qualquer falha ou folga, durante uma vida inteira, ao deitar e levantar da cama? Quem? — A mãe.

A Senhora, em nossas Casas, é a oliveira fecunda e inesgotável, rodeada permanentemente de rebentos emergentes da raiz do coração, os quais concretizam o seu ideal e exclamam continuamente o perfume da sua magnitude maternal.

Elas são o sol onde se vai aquecer sempre a afectividade de cada rapaz; a luz primeira e última da sensibilidade pessoal dos pequeninos e dos grandes.»

Datas, lugares e horas de Festas de Setúbal:

23 de Abril, às 15 h. — Teatro José Lúcio da Silva — LEIRIA;

29 de Abril, às 21,30 h. — Sociedade de Instrução Musical da QUINTA DO ANJO.

5 de Maio, às 21,30 h. — Sociedade Operária Amorense.

6 de Maio, às 21,30 h. — Sociedade do Grupo Popular Recreativo Cabanense — CABANAS.

13 de Maio, às 21,30 h. — Sociedade Incrível Almadense — ALMADA.

19 de Maio, às 21,30 h. — Teatro Aveirense — AVEIRO.

20 de Maio, às 21,30 h. — Forum Luiza Todi — SETÚBAL.

26 e 27 de Maio, às 21,30 h. — Sociedade Amut — SARILHOS GRANDES.

10 de Junho, às 21,30 h. — Gil Vicente — CASCAIS.

Padre Acílio

LISBOA

JÁ há muito que em nossa Casa o assunto de conversa são as nossas Festas. Os nervos começam a apertar com a proximidade do acontecimento. Por razões várias, estamos com alguns problemas em termos de conseguir fazer o bom anúncio. Pedimos que nos ajudem a convencer muita gente que embora oiça o anúncio não está para o acolher. Convidem os vizinhos e amigos. Há promessas de ser um bom espectáculo, completo, onde não faltará a arte, o encanto e a emoção. Próximos espectáculos:

23 de Abril, às 15,30 h. — Salão da Igreja — FORTE DA CASA (Póvoa de Santa Iria);

30 de Abril, às 15,30 h. — Salão da Igreja do Sagrado Coração de Jesus, Rua Camilo Castelo Branco, junto ao Marquês de Pombal — LISBOA.

Padre Manuel Cristóvão

Tribuna de Coimbra

Continuação da página 1

temura e perdão. É preciso pregar o perdão que brotou do lado aberto do Senhor.

A tarde virá o Senhor. A sua cruz perfumada percorrerá um tapete de verdura e flores até à nossa sala de jantar. Aí, cada um, por sua vez, beijará a cruz do Senhor Vivo, agradecido. Uma oração pelos vivos e pelos nossos mortos — hoje tão perto do Céu e de nós.

A seguir as mesas postas prolongarão este simples e maravilhoso aleluia que já brota do nosso coração agradecido.

Padre João

desencadeará. Só assim, os obreiros se consumirão, alumando... e deixando após si um rasto de luz.

O espírito e a pedagogia de Pai Américo são, hoje, um valor de vida e de liberdade posto ao serviço dos Povos africanos que a sua Obra serve.

Os nossos que lá gastam suas vidas assoladas por mares cheias de contradições, não se perturbem nem se afastem deste caminho. E se o Mundo dos *prósperos* e dos *civilizados* não entender, sacudam à porta deles a poeira das sandálias.

Deus está. E em qualquer rochedo no deserto uma fonte que Ele fará jorrar.

Padre Carlos

Última etapa do meu caminhar por terras d'África

ERA a última etapa do meu caminhar por terras de África. Naqueles dias tinha visto mais armas do que em todos os dias da minha vida. Logo no aeroporto muitas fardas e muitas armas, mais do que o suficiente para me intimidar e me perguntar onde está a razão das coisas. O avião em que seguia levava alimentos para a nossa Casa. De todos os lados surgiram montes de rapazolas crescidas a tentar ajudar-se o mais possível, desviando as coisas como podiam. A tropa e a polícia com a ponta das espingardas iam fazendo furos nas caixas para ver o que traziam. No fim do descarregamento para o camião apresentaram-se a pedir alguma coisa porque tinham ajudado... Tivemos que largar o aeroporto em alta velocidade porque a aproximação da noite começava a apertar-nos o coração... Deu-me a impressão que aqui o roubo quase reveste o carácter de virtude.

Mais uma vez a grande alegria de estar com os nossos rapazes, senti-los por perto, ver as suas caras, receber os seus cari-

ENCONTROS em Malanje

nhos. Ainda se encontram a viver em instalações cedidas pelo Seminário da diocese e onde se tentou improvisar da melhor maneira possível um modo de vida com um mínimo de dignidade. Mesmo aí, todos os dias que estive, apareciam dois ou três rapazes, nos seus vestidos rasgados e caras tristes a pedir para ficar. Que vontade Padre Telmo tinha de os acolher! Mas como e onde?

Fomos até às nossas instalações a cerca de dez quilómetros da cidade. Vários sítios de controle quer da polícia quer da tropa. Paragem obrigatória. Conheciam o viajante e então era ver estes homens de arma na mão a fazer pedidos: «arranje camisa», «não ter calça», «filho com muita tosse», «muita febre e dor de barriga», «diarreia». Chegámos... Que bonita é a nossa Aldeia! Mais honita seria se pudéssemos

ver os nossos meninos a correr e a saltar no meio de toda esta natureza, habitando as suas casas e a dormir nas suas camas, a comer no refeitório, a frequentar a sua airosa escola e a rezar na sua bela capela, aos pés da grande Cruz acompanhados pela Mãe de Jesus tão acolhedora na sua imagem.

É a terceira vez que recuperamos a nossa Aldeia

É a terceira vez que Padre Telmo, com os rapazes, tenta recuperar a Aldeia. Anuncia-se a Páscoa e há a esperança de, depois de todo este Calvário, a Ressurreição ser celebrada já com toda a comunidade reunida naquilo que é seu. Desde já nos apetece cantar o dia em que possamos ver os nossos meninos na

sua casa recuperada, enchendo os campos de mandioca, batata doce, feijão, bananais, papaias, abacateiros, café, pescando ou nadando na lagoa e na barragem já refeitas e contemplando os animais a pastar o capim que agora invade tudo e dá àqueles campos um ar de monótona tristeza. Muitas vezes ainda se levantam dizendo que não devem ir. A paz constrói-se com estes riscos. Se nada se fizer, parece que as armas têm a última palavra. É tempo de Santos que heróicamente teimam em mostrar nos desertos humanos os caminhos de Deus.

Sinais de esperança

Pequena viagem pelos bairros da cidade. Pequenos sinais de esperança. O povo começa a produzir, se o deixarem. Quase

todos os palmos de terra à volta da sua casita estão cheios de mandioca ou batata doce. Não se pode ir ainda para longe da Aldeia deitar semente naqueles enormes campos à espera. Pode acontecer e acontece diariamente que quem colhe não é quem semeia, mas quem tem uma arma na mão. E se deixassem o povo trabalhar e produzir na paz?

Ao partir veio-me à lembrança uma oração que já não sei encadear e que em minha casa se rezava quando era pequeno. Sei que terminava: «Deus nos livre da peste, da fome e da guerra». Foram estes os males que mais senti durante todo o meu percurso. Males que estão interligados. Males que esperam uma resposta dos homens. Males que desafiam um milagre de Deus capaz de transformar os corações humanos. Deixo aos analistas ver as nossas responsabilidades de ocidentais em tudo o que se passa em África. Na minha fraca especialidade apresento-me diante de Deus carregando em meu coração a vida de todos estes homens, mulheres e crianças de um país que pouco conheço mas cujo sofrimento clama aos céus e pede que seja atendido.

Padre Manuel Cristóvão

PATRIMÓNIO DOS POBRES

Mundos e mundos de barracas

A PROVEITAMOS algumas tardes e fomos ver o mundo de barracas que rodeiam a grande cidade e todas as cidades circunvizinhas. Queríamos acreditar que quarenta mil habitações chegariam para abrigar todas as famílias necessitadas, mas... não acreditamos. Parece que temos de dizer ao senhor Ministro e a todos os empenhados nesta cruzada que não percam a coragem e avancem.

Aproveitamos tardes soalheiras. Em dias de chuva tornava-se impossível a nossa visita. Aperta-se-nos o coração diante de ruínas com oitenta centímetros de largo, onde o ar não circula, nem a luz pode penetrar. Magotes de crianças perdidas da vida que as espera. Grupos e grupos de gente nova a matar o tempo que vai passando. Muitas mães. Algumas com filhos ao colo, à espera do que há-

-de vir. Tanta gente sem rumo!

Aquele casal, ambos doentes, metido num buraco forrado com caixotes onde as cobras rastejam à vontade!

Aquela família amontoada onde só ele trabalha quando trabalha! Aqueles pais que não têm onde deitar os filhos que ficam uns para os pés e outros para a cabeça!

E o homem, abandonado pela mulher, que ficou com os dez filhos na barraca só com duas divisões!

E a mulher, abandonada, com quatro pequeninos a viverem num barracão abandonado!

E aquela barraca aumentada de noite, que recebe toda a gente. Já lá viveram quinze pessoas!

Aquele buraco onde estão metidas muitas coisas à mistura com quatro crianças!

Tanto papelão usado à espera de ser aplicado!

Tantas tábuas velhas preparadas para servir. Tantas latas esburacadas prontas para remediar! Tantas vidas

à espera que se façam mais barracas. E elas vão sendo feitas!

Mais um pára-raios

Em duas destas tardes passámos pelas Criaditas dos Pobres. Elas aceitaram a missão de servir os Pobres, como desejam servir o seu Senhor.

Sabe-nos muito bem dialogar com aquelas Irmãs. Como elas vivem uma vida de pobreza! O seu acolhimento a toda a gente! A única salinha sempre ocupada por pessoas! Tantas aflições!

Numa daquelas tardes apareceu uma netinha dum senhor importante da terra a preparar-se para o Baptismo que deseja receber. — *Vamos ver*, disseram as Irmãs.

Para elas não há Pobres que sejam maus. São uns abandonados, exclamam. E todos recorrem a elas com muita confiança.

Uma da Irmãs desafiou: — *Em dias de chuva não sei como estas almas aguentam! Nós ainda temos*

estas paredes que nos abrigam, mas eles...! Nem isto têm! Vivem numa casinha de rés-do-chão, pré-fabricada, que há vinte anos encontraram abandonada. — E cá vivemos!...

Entrámos no compartimento maior da casa que serve de oratório. Frestas altas coam a luz. O soalho é de tacos limpos. Seis banquinhos individuais de pinho. Na parede, pregado um pequeno crucifixo. Um poiso com imagem pobre da Mãe do Céu a apresentar-nos o Menino. Quatro varõesinhos de ferro sustentam uma caixa onde está o Senhor Sacramento. Ao centro, uma pobre mesa de altar. Aqui é uma das suas fontes.

Ao lado têm outra casinha que serve de creche. Tantas crianças que a frequentam. As barracas dos Pobres são os seus lugares de trabalho. Ali procuram sentir-se bem. — *É esta a nossa vida.*

Vidas felizes. São pára-raios de Deus colocados no meio dos homens.

Padre Horácio

DOCTRINA



De muito boa vontade me darei a mim mesmo, pelas vassas almas...

QUIS Deus que eu malhasse com os meus ossos nos serviços do Estado e que assinasse o livro do ponto na mesa da Tutoria; pelo que estou directamente sujeito às ordens do Governo, aos descontos do estilo e ao ministro da Justiça. Não o conheço, se o topar na rua, a menos que o tire pela pista dos irmãos; nem é preciso. Basta que eu continue a colher o fruto suavemente amargo de uma Obra que se lançou nesta cidade (Coimbra), debaixo de seus olhos e por sua vontade; e que dentro em breve se saiba em Portugal que outros homens, noutras cidades, colhem idêntico fruto de Obras semelhantes. Quero-me referir ao Lar do ex-Pupilo dos nossos Reformatórios.

NASCEU ontem, o Lar, e já conta episódios de que outros poderiam fazer larga fila, e eu também, se pretendesse ganhar a vida e não perdê-la por amor destes rapazes abandonados. Dois de entre os primeiros que entraram, erraram pelas ruas da Baixa a dormir onde calhava e a comer quando havia quê, sem família, sem trabalho, sem amparo de ninguém; e estariam, a estas horas, sob a mão zelosa da polícia, se o zelo das almas não tivesse ido adiante! Outro rapaz em tal estado bateu à porta, que o porteiro teve medo de abrir! Abri eu. Conheci. Mande entrar e não lhe lavei os pés como Jesus ensinou, com medo de originações. O jantar desse dia foi eloquentemente silencioso. À mesa estavam alguns companheiros de Reformatório, do recém-chegado. Daí a nada, o rapaz levantou-se mal disposto e vomitou: «*Há mais de um ano que não jantava, Padre!*» Um companheiro serve-lhe chá quente, outro ajeita-lhe a cama e adormeceu em lençóis lavados quem há muito não vira enxerga. Outro, ainda, procura o Lar humildemente: «*Os meus pais embebedam-se todas as noites, dão-me pancada e mandam-me de novo para o Reformatório; estou há quatro dias, por esmola, em casa do tio Bernardino.*»

NASCEU ontem, o Lar, e já salva vidas! Estes três casos dariam, por si mesmos, pano para largas mangas aos que gostam de cantar em prosa, nos jornais, a miséria social, como os cegos das feiras, em verso, os crimes passionais — tudo por dinheiro! Oh!, não. Aqui chora-se e canta-se por amor. Esta classe social com quem eu lido, meu senhor, não é fraca; é enfraquecida. Quase todos filhos de mulheres ajuntadiças, estes rapazes só começam a dar fé da miséria em que nasceram quando a gente os levanta ao lugar que eles merecem. Mas há-de alguém *descer* para os levantar com o seu próprio esforço, porquanto eles, anémicos como são, nada podem fazer por suas mãos — e todos pretendem *subir!* Muito mais fracos são os fortes da classe social que lança ao mundo a população dos Reformatórios. Tenho infinita pena que a justiça dos ministros dela, não saiba correr a cortina do *pai incógnito* e ir buscá-lo onde ele se encontra para ser *pai conhecido*; e mais pena tenho ainda de que os conhecidos não sejam chamados à barra, a tomar conta dos filhos. Ai de nós, meu senhor, sem a Justiça de Deus...!

AO terminar estas mal notadas regras, declaro que sou devedor ao meu ministro de um grande Bem, qual é o de poder evangelizar estes rapazes à maneira dos Apóstolos: «*sem ser pesado a ninguém*», trabalhando, por isso mesmo, com as próprias mãos. O qual trabalho se chama *Pão dos Pobres* e anda por aí, em forma de livro, na boca de toda a gente. Os senhores ministros da Nação, que são quase todos de Coimbra, bem poderiam, se quisessem, comprar o produto do meu trabalho para eu poder continuar a pregar Cristo vivo aos Pobres e a dar-lhes Pão a comer, sem ser pesado a ninguém. Assim seja.

Padre Manuel António

(Do livro *Pão dos Pobres* — 2.º vol.)

Celebrar a Páscoa

ESTAMOS a celebrar a Páscoa! A alegria que anda unida à festa da Vida tem a marca de muita dor, muito luto, muita fome, muita doença, muita incerteza quanto ao futuro, em Angola. A mensagem da Páscoa, entretanto, é a única que liberta; a que leva a certeza da vitória da Vida sobre a morte, mesmo quando tudo parece estar perdido. A Páscoa é a Fonte onde o cristão vai buscar novas forças para lutar contra tudo o que é indigno do homem. São tantas as opressões que me fazem lembrar grandes pedregulhos à entrada do sepulcro a impedir que o Homem se levante e viva! Diante destas situações queremos anunciar a Páscoa, no silêncio da nossa vida ou de viva voz e com o nosso trabalho.

Veemente apelo

Acabei de ler, há momentos, o «*Veemente Apelo dos Bispos Católicos de Angola*». No documento dizem logo no início: «*Perante o panorama político-militar não podemos deixar de manifestar publicamente a nossa profunda apreensão dirigindo, com toda a força de que somos capazes, um veemente apelo aos homens da guerra. E fazemo-lo para que não seja trágicamente defraudada a jubilosa esperança nascida em Lusaka e por nós inculcada no espírito dos angolanos...*» Esta mensagem aparece num momento muito delicado por que está a passar o processo de paz.

BENGUELA

Enquanto não for possível a livre circulação de pessoas e bens, o povo continua metido num buraco onde vai morrendo de asfixia pela falta de tudo. Por isso os Bispos denunciam esta situação: «*Se foi determinada a livre circulação de pessoas e bens, não entendemos por que razão se teima em manter entre nós mais muros de Berlim, impedindo as pessoas de transitar das zonas do Governo para as zonas da Unita, ou vice-versa. Porque não os angolanos continuar a ser estrangeiros na sua própria Pátria? Que delito cometeram para isso?*» E vão mais além na sua denúncia profética: «*Se foram assinados os acordos de paz para Angola, menos entendemos ainda por que razão aumentam de parte a parte os preparativos de guerra, com a ameaça de brutais máquinas bélicas e o contínuo recrutamento de mancebos mesmo sem idade militar!...*»

São notícias que nos deixam tristes. São as grandes pedras que teimam em resistir à força da razão e à força do amor para com o povo. «*Quem assim procede não mostra amor ao Povo. As motivações da guerra em Angola têm sido qualquer coisa menos o bem dos angolanos. Contudo, o bem-estar da*

população deve sempre constituir o verdadeiro ideal daqueles que governam ou aspiram a governar. É impossível amar o Povo e fazê-lo sofrer. E quem não o ama não é digno de ser seu governante» — diz a mensagem.

Precisamos de ter uma fé muito viva para vermos a Ressurreição onde os sinais são de Paixão e Morte. Sim, porque o povo continua em agonia. Celebrar a Páscoa nestas condições é recriar o que aconteceu há cerca de dois mil anos com Jesus de Nazaré. Deus Pai nos conceda esse Dom!

Ao dar um giro pela Aldeia, fiquei deliciado com o parque provisório onde são recolhidos e acompanhados os bebés das mães que trabalham connosco. É um hino à Vida! É um sinal de que Jesus Cristo ressuscitou. Se o Espírito actua é porque Ele está vivo.

O último grupo de dez rapazes chegou. A Casa ficou cheia. Mais vida. Mais dores. Não é possível a geração de vidas novas sem dor. Cair no sulco e ir morrendo... por amor.

A Páscoa chegou. Os nossos meninos não receberão uma amêndoa sequer. E eles estão em muito melhores condições que a maioria absoluta dos filhos de Angola. Há outra maneira de os fazer felizes. Mas disse este recado aos vossos filhos para que não comam tudo e venham a esquecer-se dos seus irmãos... mesmo tão longe.

Que tenhais uma Páscoa cheia de Vida! Obrigado!

Padre Manuel António

5/3/95

Se houver paz vai ser-nos possível resolver o problema da fome nesta zona da Casa do Gaiato. As Irmãs — Filhas de S. José, uma Congregação com sede em Espanha — ofereceram um tractor para a realização do projecto das lavras.

Este projecto consiste: os chefes da sanzala escolhem e marcam, na zona respectiva, um campo. O tractor vai lavrar, fazer a gradagem e as mibangas. Os chefes fazem então a divisão em talhos e entregam aos habitantes para eles fazerem a plantação. Cada dono cultiva a parte que lhe coube. Nada complicado.

Em vez da mão estendida (que nos irrita a todos), a cana de pesca para pescar no rio. Velho e novo como as barbas do meu amigo

MALANJE dia-a-dia

Bravante a refinarem o sorriso quando o peixe assoma pendurado no anzol.

11/3/95

É a segunda vez que a Embaixada Holandesa nos visita. Hoje foi mesmo o senhor Embaixador.

Um único objectivo: a promoção da Criança e o bem do Povo.

É sempre belo ver o representante duma Pátria atento, carinhosamente, aos problemas dos filhos duma outra Pátria!

Prometeu-nos uma ajuda para continuarmos as reparações. Tudo rápido e simples, nada de burocracias inúteis e inoperantes.

Todas as vezes que ajudamos na promoção dum Povo, exaltamos a nossa Pátria.

12/3/95

Difícil contar o número de Congregações que trabalham em África. Muitas das quais — dizia-me alguém — demasiado preocupadas e voltadas para si próprias.

Em vez de casas para velhinhos e doentes, crianças e deficientes, crescem as casas de formação orientadas para forjar vocações.

Também não basta o «*dar de comer a quem tem fome*» — sempre actual e evangélico — não basta.

Urgente ajudarmos as pessoas na reconquista das suas dignidades perdidas pela violência e injustiças.

Sermos testemunhos vivos do Senhor... Mas Ele foi Humilde e Pobre! Nós apresentamo-nos com poder e auto-suficiência...

Não estará aqui uma razão da fuga dos cristãos para as seitas que aparecem e nos apertam?!

Não pretendo dar lição, simplesmente, estou reflectindo. Podes reflectir também.

Padre Telmo